

Dossiê: Corpos e Sexualidades – Caminhos para uma ecologia de saberes e de lutas, a partir da linguística, das letras e das artes

Suely Aldir Messeder
<https://orcid.org/0000-0002-7609-1792>

Catarina Isabel Caldeira Martins
<https://orcid.org/0000-0002-5192-6124>

Apresentação

Na feitura deste dossiê pretendíamos recepcionar os escritos que tivessem como decolagem o corpo, ou melhor, uma subjetividade corpórea no contexto, quer daquele/as que escrevem, daquele/as sobre quem escrevem. Partíamos da possibilidade de concepções alternativas do corpo e da corporeidade, nomeadamente de uma ruptura possível da dicotomia central do pensamento da modernidade ocidental – dicotomia mente / corpo -, a qual suporta, também, todo o edifício dos direitos humanos, além de ser axial às múltiplas formas de emancipação formuladas por diversos feminismos, incluindo os feminismos interseccionais. Para o nosso contentamento, quando nos debruçamos sobre os escritos vimos que eles abarcam as múltiplas linguagens que acionam as experiências sensoriais e ancoram experiências e conceptualizações pensis-sentidas, materiais-imateriais, ou seja, transgressoras da limitação institucionalizada pelos saberes normativos do corpo. O dossiê inclui linguagens tais como: o teatro, a música, a dança, a religião e a literatura. Estas múltiplas linguagens embalam o corpo de quem escreve sob a batuta da ciência. Com isto, vimos na cadência da umbigada a subjetividade corpórea das mulheres negras do Recôncavo, esta dança afro-brasileira, tão bem detalhada por Clécia Queiroz, em seu texto *Sambando no miudinho: a estética performativa das mulheres do Recôncavo Baiano*. A autora nos revela o compromisso das mulheres envolvidas de serem protagonistas na roda do samba. Todas possuem e sabem do direito de ter a **hora da estrela**. Tal como a obra homônima de Clarice Lispector (1977), cuja narrativa nos reporta a força da escrita encarnada. Vejamos:

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo como corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousar clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem a bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta (pg. 6).

E com isto, nos deparamos com o escrito *A radioativa estufa de Mario Bellatin: o desabrochar de anômalas flores*, de Luciane Bernardi Souza. Numa entrevista cedida por Mario Bellatin, o autor revela que Lispector é sua fonte de inspiração. Portanto, apreciamos e acolhemos a sua linguagem visceral e as palavras que soam pela dor do corpo dos seus personagens. Luciane Bernardi Souza adentra em seu romance *Flores*, sinaliza sobre a potência da escrita do autor em desmontar o corpo normativo, embora use uma boa parte da sua narrativa sob a tutela de dois autores europeus Michel Foucault e Georges Bataille. Com isto, assegura, pelo *habitus* acadêmico brasileiro, uma maior importância aos dois últimos autores do que ao próprio Mario Bellatin e seus personagens. Depois desta breve escrita servil aos tentáculos da feita europeia, navegamos na sala de teatro com os espetáculos de dança “Striptease-Bicho” e “O Corpo Perturbador”, protagonizado na cena por Carlos Eduardo Oliveira do Carmo e também em sua narrativa mediante o seu escrito *Desnudando um corpo perturbador: a “bipedia compulsória” e o fetiche pela deficiência na Dança*. Em sua complexidade existencial, Carlos Eduardo nos interpela em e com suas dores e nos questiona no ininteligível, pondo em evidencia que não nos encerramos no ontológico. E com os corpos seguimos no território do transe, onde os orixás se manifestam nos/nas iniciadas do Candomblé. Segundo os autores Alessandro Malpasso, Cecília Conceição Moreira Soares e Maria de Fatima Hanaque Campos, no território transe compreendem-se as transformações e comunicações dos diversos saberes ancestrais, e com efeito, demonstra-se a criatividade em suas repetições performáticas divinizadas. Ainda na trilha musical e dançante dos orixás nos deparamos com o texto *Sexo, transgressão e feminismo negro: a linguagem erótica de Baco Exu do Blues*, escrito a quatro mãos por Camilla Ramos dos Santos e Marlúcia Mendes da Rocha, cujo intuito é pensar nas composições “crítico-eróticas

do rapper baiano Baco Exu do Blues”, encarando-o como “detentor de uma visão que compartilha a observância dos valores e tradições de matriz africana”. As problematizações nas relações estruturais e estruturantes entre homens e mulheres negras são postas e colaboram para as desconstruções racistas numa era falocentrista. Ao retomarmos a literatura encontramos o texto *Palavra e desejo de mulher: notas sobre lírica e erotismo em Graça Nascimento*, escrito por Marcelo Medeiros da Silva, no qual o autor nos lembra o quão a nossa sociedade é conservadora e quanto preza em jogar no ostracismo mulheres que ousam escrever sobre temas proibidos moralmente. Numa Era falocentrista tão bem comentada por beel hooks, apreciamos como Graça Nascimento, ela própria, agencia e domina em sua poesia *A rola do meu amado*. Ainda sobre o domínio da literatura escrita por mulheres, temos *Do patriarcalismo em Semente de Bruxa*, de Margaret Atwood, escrito por Gil Derlan Silva Almeida e Sebastião Alves Teixeira Lopes, no qual os autores retomam a análise crítica da força e o poder da recriação do modelo patriarcal no transpassar das épocas e os perigos de retrocessos na criação de poderes políticos totalistas ancorados no controlo do corpo feminino.

O conjunto do dossiê, com a diversidade de temas abordados e de linguagens analisadas e materializadas na própria escrita dos textos, torna evidente como o corpo se distancia do pensamento engessado dos discursos normativos euro e androcêntricos da medicina, da religião, da filosofia, da justiça, e, até, de formulações estreitas do feminismo e da teoria queer, alargando a reflexão a partir de diferentes experiências de subjetividades corpóreas, os quais apontam para o alargamento conceptual e a possível transformação produtiva de um quadro paradigmático.

Referências

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*, Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

hooks, bell. *Pênis passion*. In: newyorkibe.blogspot.com, 2011, s/p. Disponível em: <http://newyorkibe.blogspot.com/2011/01/penis-passion.html/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

MARTINS, Catarina Isabel Caldeira. *Corpos nus de mulheres negras: eixos poéticos e políticos da escrita de mulheres africanas lusófonas*. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, 2019.

MESSEDER, Suely. *A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico*. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.